

Editorial



Património em diálogo é o lema das Jornadas Europeias do Património 2007, num ano que o Conselho Internacional de Museus (ICOM) dedicou o dia 18 de Maio ao Património Universal.

O Município de Palmela considera que investir no Património Cultural local se centra no fomento da investigação histórico-antropológica e na requalificação de espaços e imóveis monumentais, visando garantir o permanente diálogo entre o Património e as Pessoas. Os monumentos classificados como nacionais no nosso concelho – Castelo de Palmela, Igreja de Santiago, Pelourinho de Palmela e Sepulcros Neolíticos de Quinta do Anjo – impõem-se ao visitante pela longa história que protagonizam e pelo facto de progressivamente surgirem, fruto de investigações, novos documentos sobre eles, como é o caso da planta do Castelo de Palmela que damos agora a conhecer neste *+museu*.

Contudo, muitos outros bens da herança local dialogam e têm ou tiveram grande impacto na vida da população. O trabalho do município nesta área, dá-lhes também destaque. O *suplemento* deste boletim apresenta o conjunto de peças de arquitectura da água implantadas no território municipal ao longo de séculos, e que serviram ou servem ainda hoje, mesmo que de diferentes formas, os habitantes desta terra. Inventariar e documentar são deveres essenciais para garantir a conservação e a divulgação. O inventário é uma acção morosa, um acto técnico que inclui a identificação e documentação de cada bem cultural, alicerçadas em investigação; caracterizar formalmente o bem, datá-lo, localizar memórias que expressem a importância do bem para a população que dele usufruiu ou usufrui, geo-referenciar o imóvel, são actos interdependentes que dão a conhecer a dimensão cultural de cada um destes úteis equipamentos. O diálogo deve ser mantido em qualquer das fases de trabalho, quer no seio das equipas quer entre estas e os munícipes que comungam no quotidiano com os monumentos.

Inventariadas e alvo de intervenções de conservação preventiva e – nalguns casos – de restauro, foram as peças que se apresentam na exposição *Ferreiro Faria – entre Ferro e Fogo*, importante colecção incorporada no Museu Municipal; o mesmo acontece com as recentemente doadas peças que faziam parte de uma Drogaria e de uma Salsicharia do centro histórico da Vila de Palmela.

Outro meio de dialogar com a nossa História é interpretar a sua marca no espaço público, na toponímia local: José Maria dos Santos, Venâncio da Costa Lima e Joaquim José de Carvalho têm o seu nome em praças do nosso concelho e em bustos, fruto do reconhecimento público da sua acção no seu tempo. Conhecer estas figuras locais, integra o cidadão no meio urbano em que vive, alicerça identidades e pode constituir motivação e fonte de reflexão para a acção nos nossos dias.

Estes são alguns dos temas do presente boletim, que vos convidamos a ler e a visitar !

A Presidente da Câmara

Ana Teresa Vicente

Ferreiro Faria

entre ferro e fogo.

Da colecção à exposição¹ (1ª parte)

A exposição Ferreiro Faria – entre Ferro e Fogo, patente no foyer do Auditório Municipal de Pinhal Novo, até Março de 2008, dá a ver uma selecção de peças da colecção museológica “Oficina do Ferreiro Faria”, que integra antigas ferramentas do profissional António Teixeira de Faria (1898-1972).

Ferreiro, abegão e carpinteiro foram as três principais artes em que trabalhou, embora também se tivesse dedicado ao conserto de armas, à produção de tijolo ou à abertura de poços.



António Teixeira de Faria
Bilhete de Identidade da Associação Instrutiva
de Beneficência Familiar (Socorros Mútuos) de Setúbal

1. A colecção “Oficina do Ferreiro Faria” no Museu Municipal de Palmela

1.1. Acerca dos conceitos de “colecção” e “objecto”

Colecção é “qualquer conjunto de objectos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público”²; privada ou pública, resulta de uma selecção, revela uma intenção de ordenação de objectos.

Um objecto de museu tem como única utilidade o “ser visto”. “Coleccionar num quadro institucional ou parainstitucional gera contextos mais previsíveis de equacionar. Ao nível museológico, a acção de coleccionar caracteriza-se pela definição e o estabelecimento prévio dos objectivos a alcançar. As colecções são o cerne dum museu.”³ As peças que as integram têm um valor de troca – pois estão submetidas a uma protecção especial e seguradas num valor monetário determinado – mas não um valor de uso. São objectos preciosos – não são coisas (objectos úteis), mas são dotados de um significado.⁴ A coisa realiza-se porque é usada; o semióforo revela o ser significado quando é exposto ao olhar. As peças são, assim, metaobjectos, pois visam suscitar uma reflexão sobre a história da sua própria criação, produzem um significado, remetem para um mundo invisível, ao serem dadas a ver.

Os objectos têm vários estatutos, construídos pelos que os olham, ou pelos que os criam/fazem/produzem, ou os menosprezam, e de acordo com o capital cultural destes intervenientes. O estatuto social dos objectos constrói-se a partir das informações de que dispõem os seus utilizadores.

¹ A 2ª parte deste artigo será publicada no nº +museu 9, Novembro 2007

² POMIAN, Krzysztof - “Colecção” in *Enciclopédia EINAUDI*, vol. 1, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 55

³ BRANCO, Jorge Freitas - *Máquinas nos Campos. Uma visão museológica*, Oeiras: Celta editora, 2005, p. 78

⁴ POMIAN, Krzysztof - *Ob. Cit.*, p. 71

No museu, a relação entre o que está exposto, fruto de uma selecção, e o visitante não é baseada na economia de mercado, mas na de dádiva⁵. O museu deve permitir que qualquer pessoa tenha acesso ao semióforo.

1.2. Da recolha à Reserva Visitável

O Programa Museológico Municipal de Palmela⁶ privilegia a preservação *in situ* de colecções e edifícios, a incorporação de espólios etnográficos e oficinais que espelhem a cultura local, e a integração no Museu, a título de depósito, doação ou doação, de outras colecções ou objectos significativos para a memória local. O acervo móvel actual é essencialmente constituído por colecções arqueológicas, resultantes dos trabalhos de prospecção e escavação desenvolvidos no concelho desde 1988, e em inventariação, bem como por bens etnográficos recolhidos desde 1998. Assume-se um “museu polinucleado, em que os diferentes núcleos, concebidos segundo moldes organizativos semelhantes, participam, através de subtemas variados, do mesmo campo temático e dosagens individualizadas do naipe funcional/disciplinar comum, consentâneas com esses subtemas e com as envolventes humana e material de cada núcleo.”⁷ Tendo por sede o Castelo de Palmela, outros núcleos do Museu Municipal estão ou ficarão instalados nas

demais quatro freguesias do concelho. Para a freguesia de Pinhal Novo está prevista a instalação de colecções que explicitem a(s) identidade(s) local(ais), num território com cerca de 150 anos de ocupação humana permanente; esse núcleo abordará três áreas temáticas fundamentais, cujo trabalho de desenvolvimento científico e museológico está em curso: “Génese da freguesia e Cultura Caramela”, “Génese da vila e comunidade ferroviária”, “Urbanismo e Sociabilidades Rurais e Urbanas”.

Foi no contexto deste programa museológico – com uma política de incorporação que se lhe subordina –, que entrou no Museu como depósito o espólio oficial que foi designado colecção “Oficina do Ferreiro Faria”.



A Oficina do Mestre Faria – exterior
À direita, a chaminé da forja. 9 de Março de 1998



A Oficina do Mestre Faria – interior
(pormenor: peças de abegão)
9 de Março de 1998

⁵ Cf. POMIAN, Krzysztof – *Collectionneurs, amateurs et curieux. Paris, Venise: XVIe-XVIIIe siècle*, Paris: Gallimard, 1987, p. 57

⁶ Vide http://193.126.111.25/gestor/doc_up/documento_pcultral_64.pdf ou através de acesso a <http://www.cm-palmela.pt/>

⁷ LAMEIRAS-CAMPAÑOLO, Maria Olímpia – “Analisar e comparar entidades museológicas e paramuseológicas”, in *VII Encontro Nacional Museologia e Autarquias. Actas*, Seixal: C. M. Seixal, 1998, p.103



**Reserva Visitável “Oficina Ferreiro Faria”, em Rio Frio
Desactivada em Maio 2007**

A recolha de peças decorreu como situação de emergência, em Março de 1998, e resultou de uma acção conjugada entre os proprietários das peças, a Junta de Freguesia de Pinhal Novo e o Museu do Município. Os herdeiros do Ferreiro Faria, quer por razões afectivas, quer por estarem conscientes de que o conjunto de objectos existentes dentro da antiga oficina do artífice tinham valor testemunhal de uma época de desenvolvimento da então aldeia de Pinhal Novo – a oficina foi construída em 1942-43 e laborou até aos inícios dos anos 60 –, não tinham possibilidade de o manterem; contactaram a Junta de Freguesia que, não possuindo também meios técnicos nem instalações para receber os objectos⁸ solicitou à Câmara Municipal a incorporação das peças.

Localizado no extremo Sul da Rua D. João de Castro – no lugar chamado Ilha Brava –, o edifício foi demolido dias após a operação de recolha, tendo sido feita pela Câmara Municipal uma reportagem fotográfica da área envolvente, a qual permitiu um registo do local.

Num primeiro momento, e não existindo área em qualquer edifício municipal para receber o conjunto de objectos – não existiam à data reserva museológica

cas –, foi alugado um espaço para o instalar. Os técnicos do Museu iniciaram um trabalho de diagnóstico dos problemas de conservação dos objectos – maioritariamente em metal e madeira, salientando-se como peça mais problemática e compósita (metal, madeira e couro) o fole.

Em 1999, após um inventário sumário das peças, procedeu-se à sua selecção para apresentação das mesmas ao público na situação de reserva visitável. Esta reserva foi instalada num armazém devoluto na Herdade de Rio Frio (freguesia de Pinhal Novo), alugado para o efeito pela Câmara Municipal⁹.

1.3. Da Reserva Visitável à Exposição

Além de ser um espaço de trabalho para os técnicos do Museu, a Reserva esteve, até Maio de 2007, aberta a visitas guiadas com marcação prévia, constituindo uma colecção muito visitada por escolas e outros grupos organizados.

Durante estes anos, a colecção foi progressivamente alvo de intervenções especializadas de conservação preventiva e curativa, com vista eliminar o acentuado estado de infestação das madeiras e a impedir a progressão da erosão dos materiais metálicos. Em 2000, realizou-se um estudo de monitorização e controlo

⁸ Apesar do acervo não estar inteiramente estudado ainda hoje, foram recolhidas cerca de 250 objectos.

⁹ Refira-se que uma das cláusulas do contrato de depósito das peças no Museu Municipal impõe que estas não saiam da freguesia de origem.

ambiental do espaço onde a colecção estava instalada, ao qual se seguiu a definição de um programa de restauro e conservação preventiva, que a Câmara Municipal de Palmela tem custeado anualmente, e que já orça em cerca de 10 000 €. As intervenções são realizadas, na medida das disponibilidades financeiras anuais, sujeitas a uma selecção determinada pela importância atribuída a cada peça no seio do Museu. A selecção inerente à atribuição de maior ou menor valor a cada peça depende de um critério de unicidade das peças, bem como da importância de cada uma delas para a compreensão dos ofícios praticados pelo artífice Faria, e acima mencionados.

Pelo interesse de que se reveste a colecção – seja pelas peças que integra (permitem conhecer ofícios tradicionais quase desaparecidos no nosso país), seja pelo acto de preservação patrimonial que esteve subjacente à sua incorporação no museu –, e por se considerar que há já um conjunto de peças significativo em condições de serem apresentadas ao público fora do contexto Reserva Visitável, e num local central da vila-sede de freguesia, a programação anual do Museu Municipal para 2007 definiu a concepção da exposição temporária **Ferreiro Faria – entre ferro e fogo**.

Este evento surge também associado à reestruturação em curso das reservas museológicas do município. Apesar de ainda não haver possibilidade do acervo ser exposto de forma permanente, nem em local e discurso expositivos de longa duração¹⁰, optou-se por apresentar entre 2007 e 2008 num espaço central da localidade.

O calendário definido permite, por um lado, revelar uma vertente da história da localidade; por outro, possibilitar a realização de visitas guiadas ao público escolar, e trabalhos associados a este evento, durante os 2 primeiros períodos lectivos do ano 2007-2008.

2. A exposição

Uma exposição é, segundo Jean Davallon, “antes de tudo um objecto resultante de uma técnica. Ela é um artefacto. Deste ponto de vista, responde a uma intenção, isto é, a um objectivo ou a uma vontade, de produzir um efeito. (...) A questão é saber o que é pretendido por essa intenção.¹¹”

Neste caso concreto, e assumindo uma categorização desse artefacto no que se refere ao efeito que preten-

de, podemos dizer que visa por um lado transmitir um saber – produzido no interior do Museu, após investigação realizada sobre os objectos –, e, por outro, apresentar ofícios tradicionais já inexistentes na localidade de onde são oriundos os objectos, contribuindo para a compreensão de um *modus vivendi* já desaparecido.

Do ponto de vista do design de comunicação, a exposição é marcada por 3 cores que correspondem aos três ofícios seleccionados para dar a olhar ao público: ferreiro (a vermelho, actividade principal associada a abegão), carpinteiro (a laranja, actividade intermédia), abegão (a amarelo, actividade principal associada a ferreiro).



Núcleo expositivo dedicado à arte de Ferreiro (pormenor)

¹⁰ Não está ainda recuperado o imóvel - conhecido na vila como edifício Santa Rosa - que irá receber o núcleo de Pinhal Novo do Museu Municipal de Palmela.

¹¹ DAVALLON, Jean – *L'exposition à l'oeuvre. Stratégies de communication et médiation symbolique*, Paris : L'Harmattan, 1999, p. 9

2.1. Uma história de vida profissional

António Teixeira de Faria (18.07.1898 – 17.08.1972) nasceu nos Olhos d'Água e herdou de seu pai – José Teixeira de Faria – a profissão principal de ferreiro-abegão, que era já ofício tradicional familiar.

O Mestre Faria foi um dos quatro principais ferreiros da aldeia de Pinhal Novo, com o ferreiro Jerónimo Mourato, o ferreiro João Margarido e o ferreiro António Fialho (Caldas)¹².

A sua filha Deolinda¹³ contou-nos que os avós, depois do nascimento de António, foram morar para Quinta do Anjo, onde montaram uma oficina de carpintaria na qual construíam carroças e carretas para um ou dois bois. Aí, José Teixeira de Faria ensinou o ofício aos filhos António e Adelino.

Uns anos passados, Pinhal Novo passa a ser o local de residência da família: instalam-se num terreno situado entre a estrada do cemitério e a estrada principal, nas traseiras da oficina que viria a ser criada, em 1942-43, por António de Faria, depois de ter também trabalhado em Quinta do Anjo e Palmela¹⁴.

Tendo como auxiliares o filho Raúl, o Sr. António Cardoso, de Quinta do Anjo, e, por vezes e por brincadeira, um menino – Joaquim Tanganho Marques – que ajudava a dar ao fole. O Mestre transmitiu o ofício a esse menino, seu futuro genro, o qual não o prosseguiu, mas respeitou e preservou o espólio hoje existente.

Encontramos no Museu da Luz (na nova Aldeia da Luz), um forte paralelismo em termos de caracterização desta colecção e do *modus vivendi* no contexto dos anos 40-60. Tal como em Pinhal Novo, na Luz uma “série de ocupações principais ou complementares tinham a ver com os ofícios tradicionais ou artesanais de apoio à agricultura e que sustentaram um modo de vida autárquico que caracterizou o mun-

do rural português até finais dos anos cinquenta: moleiro, maquilão, tosquiador, ferreiro, abegão, pedreiro, mestre da taipa ou de telheiros, entre outros.” Os ofícios de ferreiro e abegão exigiam uma “forte especialização técnica” e foram sendo passadas estas artes “de geração em geração, de pais para filhos, o que implicava a transmissão tanto do conhecimento empírico como das infra-estruturas de trabalho – materiais, utensílios e oficinas. “O abegão lidava com a madeira e o ferreiro com o ferro; só a articulação dos dois permitia chegar às obras finais tão requestadas, como alfaia agrícola e outros artefactos de uso quotidiano.”¹⁵

Mestre Faria era criador de muitas das suas ferramentas, daí que o espólio proveniente da sua oficina se caracterize pela originalidade e unicidade de algumas peças.



Núcleo expositivo dedicado à arte de Abegão (pormenor)

A carpintaria era complementar a todas as demais actividades, o que justifica a importante colecção de instrumentos dessa arte na oficina.

(continua, vide nota 1)

Maria Teresa Rosendo
Coordenadora do +museu

¹² Dos demais artesãos não há – já se fizeram investigações nesse sentido – peças.

¹³ Depoimento de Deolinda Faria (filha do Mestre Faria), recolhido em Março 1999.

¹⁴ Quinta do Anjo e Palmela são duas outras freguesias do concelho de Palmela.

¹⁵ Cf. SARAIVA, Clara; PEREIRA, Benjamim; GEORGE, Maria João (Coord.) – *Catálogo. Museu da Luz. Aldeia da Luz*, Luz: EDIA, 2003, p. 34 e 65, respectivamente.

nos bastidores...

A incorporação de peças no Museu Municipal



Salvaguardar, valorizar e divulgar o Património concelhio são funções prioritárias do Museu Municipal, estabelecidas no seu Programa Museológico. Estas acções têm por base o estudo e conservação do património material e imaterial, o que, por vezes, se traduz pela incorporação de bens no Museu. A política de incorporação nesta instituição está em conformidade com a Missão, Vocação e Objectivos do serviço Museu, através de um processo devidamente documentado, que garante a conservação e segurança dos bens, detendo o Museu o título válido de propriedade de cada peça adquirida.

O Museu Municipal realiza acções de sensibilização para a salvaguarda, junto da Comunidade Local, facto que tem desencadeado solicitações por parte de vários municípios, no sentido de doarem ou depositarem à guarda do Município peças de várias naturezas.

Recentemente, Maria Sabina Miranda contactou-nos demonstrando a intenção de doar peças da antiga “Drogaria Paula” que se situava na Rua Mouzinho de

Albuquerque; também Capitolina Nunes manifestou interesse na doação de peças de uma antiga “Sal-sicharia” situada na Rua Hermenegildo Capelo, ao Museu Municipal. Estes dois estabelecimentos comerciais são importantes referências no Centro Histórico da vila de Palmela, pois estavam inseridos no contexto de sociabilidade da zona que envolvia o mercado municipal e, as proprietárias, consideraram que a incorporação destas peças no Museu constitui uma forma digna de as valorizar, contribuindo para o estudo da história da localidade e do concelho.

Analizado o valor das peças – o que passou pela recolha de dados, que as permitiu caracterizar, e pela verificação do seu estado de conservação –, considerou-se que se justificava a sua incorporação no Museu. A relação de peças e respectiva proposta de incorporação no Inventário do Município são apresentadas em reunião pública de Câmara Municipal – nos termos da Lei em vigor –, e caso mereçam aprovação pelo Executivo, são incorporadas em Inventário do Museu Municipal.

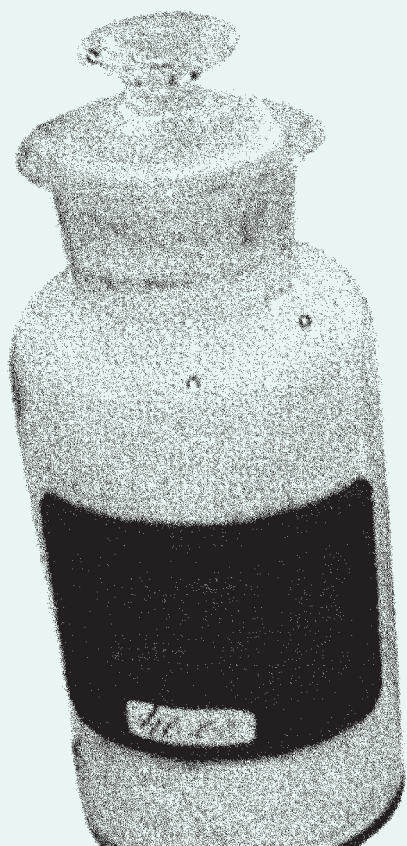


Técnicas do Museu limpam o espólio de Drograria e Salsicharia, antes de ser acondicionado na Reserva do Museu.

A acção de limpeza, pela qual passam as peças a incorporar em Inventário, é uma prática que antecede o acondicionamento das mesmas na Reserva Museológica Municipal, recentemente instalada numa antiga Escola de 1º Ciclo desactivada, onde se estão a reunir parte das colecções de Arqueologia, Ciência e Técnica e Etnografia do Museu. Este novo Espaço de Reservas permite conservar todo o acervo segundo rigorosas condições de temperatura, humidade e luminosidade, principais factores de degradação das peças. As peças incorporadas são marcadas e registadas no Livro de Inventário e na Base de Dados MATRIZ, ferramenta digital que visa a gestão das colecções museológicas, o que permite compilar in-

formação essencial para o estudo da peça e/ou colecção – história da peça, autoria, função, descrição, propriedade, intervenções de conservação e restauro, levantamentos fotográficos, entre outras – e, num sentido mais lato, enquadrá-la na história do concelho, servindo como fonte aos projectos de investigação de diferentes áreas. Tal como nós, os objectos têm uma vida limitada, cuja duração depende da forma como os manuseamos e das condições em que os conservamos, cabendo ao Museu assegurar as condições de conservação através do cumprimento de medidas que prolonguem a vida das peças na sua função de testemunho do passado.

Museu Municipal / Sector de Inventário



Património Local

Três personalidades do concelho homenageadas com busto

Joaquim José

de Carvalho (1895-1975)

integrou – com Manuel Machado de Oliveira, Vítor Leão Pacheco, Pedro Augusto da Fonseca, Agostinho Augusto Pereira e o Padre Moisés da Silva – a Comissão Pró-Concelho de Palmela que obteve a restauração do Município em 1926 (a extinção do concelho, com integração no de Setúbal ocorreu em 1855). Na sequência da Restauração, que se comemora anualmente em Novembro, Joaquim J. de Carvalho assumiu as funções de Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Palmela. O busto foi mandado fazer pelo Grupo de Amigos do Concelho de Palmela em 1994.



José Maria dos Santos

(1832-1913), filho de um ferreiro ou ferrador de Lisboa, transformou-se no maior viticultor português fruto de uma capacidade de gestão empresarial única na época. Com formação em medicina veterinária, foi um dos fundadores da Associação Central da Agricultura Portuguesa, fez parte do Conselho Fiscal do Banco de Portugal, e desenvolveu uma carreira política, destacando-se como deputado e Par do Reino. A sua acção foi fulcral para o desenvolvimento agrícola e a colonização da área de Rio Frio-Poçoirão. Recorreu a incentivos para fixação de trabalhadores, ao uso de fertilizantes químicos, à aplicação de novos métodos de cultivo – como a selecção de sementes e o recurso a maquinaria agrícola inovadora – e à criação de canais de escoamento de produção; aplicou estes métodos nas suas herdades de Rio Frio, Palma e Machados. Este busto constitui uma homenagem dos seus rendeiros, prestada em 1916, no largo homónimo de Pinhal Novo.

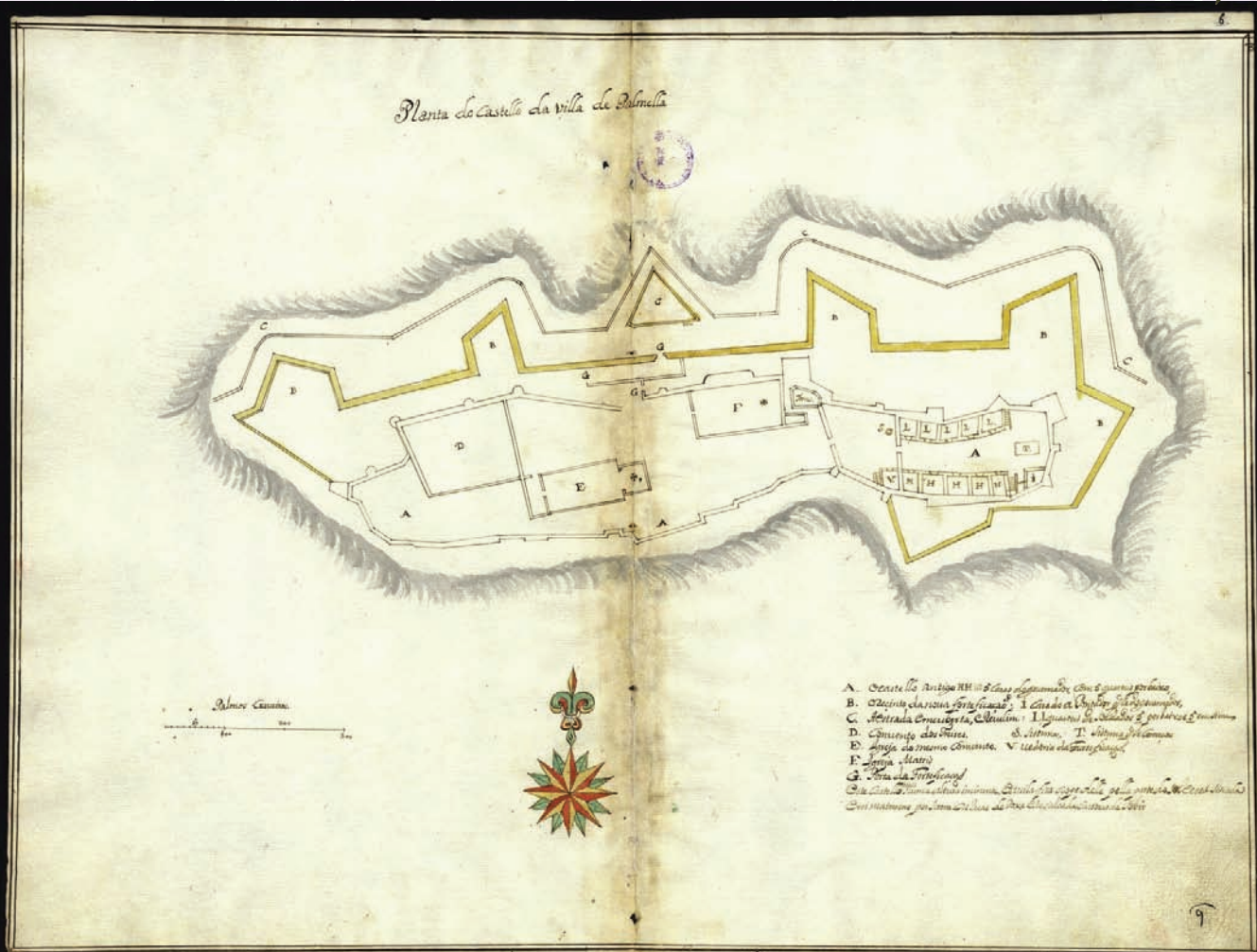


Venâncio da Costa Lima

(1882-1956), nascido em Quinta do Anjo, fundou em 1914 a empresa que ainda hoje preserva o seu nome. Representante de Palmela na Câmara Municipal de Setúbal antes da Restauração em 1926, assumiu o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Palmela em 1937. A freguesia de Quinta do Anjo descerrou o busto – desenhado por Cabral Adão e executado pelo escultor Fernando Louro de Almeida – em 1962. A Câmara Municipal, presidida por Álvaro Carvalho Cardoso, atribuiu na mesma altura o topónimo Venâncio da Costa Lima à rua principal daquela aldeia. Durante algum tempo o busto foi retirado, voltando ao local de origem em 1996.

Património Concelhio em documentos...

Nova Planta do Castelo de Palmela





Manuel Caetano de Sousa, arquitecto da Ordens Militares, assinou em 1781 uma excelente planta do Castelo de Palmela e do seu convento, até há pouco reconhecida como a mais antiga. Recentemente tivemos oportunidade de observar uma outra traça, decerto anterior, que aqui reproduzimos e que nos suscitou alguns considerandos.

De facto, esta planta - dos fundos da Biblioteca Nacional - pode ser anterior a 1699. Consta dos fólhos 8v-9 do *Livro de várias plantas deste Reino e de Castela [entre 1699-1743]*, de João Tomás Correia e, como bem observa José Manuel Vargas, que nos alertou para a existência deste exemplar, só há datações a partir do fl. 43, entre 1699 e 1743, o que poderá indiciar uma datação anterior para esta planta. Estaremos, portanto, perante o mais antigo risco do Castelo de Palmela.

A legenda que acompanha a «Planta do Castelo da villa de Palmella» fornece curiosos pormenores, confirmando por um lado as informações que mais tarde Caetano de Sousa nos transmite mas fornecendo algumas novidades, nomeadamente em relação à Praça de Armas. Os quartéis, que em 1781 são assinalados como estando em ruínas, têm aqui funcionalidades bem especificadas: do lado norte localizam-se cinco «quartéis de soldados» no piso térreo e cinco no piso superior; no lado sul havia outros cinco no piso térreo, mas o piso superior destinava-se à habitação do governador do castelo. Na actual torre do turismo ficava a «Vedoria da Fortificação» e a torre das transmissões correspondia à «Casa do Apontador do Governador».

Mas o aspecto que nos merece maior atenção prende-se com a demarcação do «Convento dos Freires», que nesta altura – presumivelmente a segunda metade do séc. XVII – estava a ser construído de novo, segundo um projecto de Filipe Terzi, talvez com alterações de Baltazar Álvares, o primeiro arquitecto a dirigir a obra. Das nossas anteriores reflexões, baseadas nos dados documentais, na arqueologia e na análise da planta de 1781, subsistiam dúvidas sobre a coincidência do espaço do convento quatrocentista com o do novo con-

vento. Esta planta vem trazer uma nova luz à questão, consolidando a nossa ideia inicial: apresentamos uma traça trapezoidal que devia corresponder sensivelmente à primitiva estrutura, encostada à muralha norte e deixando em aberto um vasto espaço a sul e a poente. A remodelação do edifício foi profunda, podendo falar-se de uma nova construção, e seguiu todo um novo programa arquitectónico ao gosto maneirista da época. O alargamento do corpo para sul, ocupando a área fronteiriça da igreja e permitindo-lhe definir a planta rectangular que se regista no desenho de Caetano de Sousa, ainda não se havia encetado à data da planta que agora divulgamos. Num documento de 1696 refere-se que do convento só se tinham edificado dois dormitórios e o claustro, há cerca de setenta anos. Foi uma obra lenta e desgastante, como deixam perceber as persistentes faltas de suporte financeiro e as repetidas queixas dos freires. A conclusão do empreendimento só ocorrerá nos primeiros anos do séc. XVIII.

Isabel Cristina Ferreira Fernandes
Arqueóloga - Serviço de Arqueologia
da Câmara Municipal de Palmela

Bibliografia

FERNANDES, Isabel Cristina F. - *O Castelo de Palmela. Do islâmico ao cristão*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2004

IDEM - «Os conventos de Palmela», in *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria entre o Ocidente e o Oriente*. Actas do V Encontro sobre Ordens Militares 2006, Palmela (no prelo).

SERRÃO, Vítor e MECO, José - *Palmela Histórico-Artística. Um inventário do património artístico concelhio*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela (no prelo).

SOROMENHO, Miguel, 2005 - «Modelos de gestão dos grandes estaleiros das Ordens Militares no período Filipino», in *As Ordens Militares e as Ordens de Cavalaria na Construção do Mundo Ocidental*, Edições Colibri - Câmara Municipal de Palmela, 2005

A não esquecer...

Património Universal: um lema para 2007

*O Conselho Internacional de Museus (ICOM)¹,
propõe 2007 como ano da celebração do Património Universal.*

Proteger/Classificar

O Património Cultural é parte essencial das nossas vidas. Da mesma forma como somos o que herdamos em genes e lembranças dos nossos antepassados, também transportamos connosco a nossa cultura e muito do que é também o meio que nos envolve.

Neste sentido, o território guarda em si vestígios da história de cada um de nós que, pela sua importância, devem ser conhecidos e preservados. Uma das formas de preservação é a classificação, ou seja: reconhecer o seu valor e impor regras de utilização de forma a impedir a sua degradação.

Em Portugal, o Património Cultural pode ser classificado de **Interesse Nacional**, quando se trata de um património de extrema relevância para o país, de **Interesse Público**, sendo um bem reconhecidamente importante para o país, região ou localidade, ou **Interesse Municipal**, quando é representativo para o município onde se encontra localizado.²

Património Classificado no Concelho de Palmela

Monumento Nacional

Castelo de Palmela (1910), Igreja de Santiago do Castelo de Palmela (1910), Pelourinho (1910) e Sepulcros Neolíticos de Quinta do Anjo (1934)

Interesse Municipal

Capela de S. João Baptista (1997), Capela de S. Gonçalo, em Cabanas (2002), Torre de Sinalização e Manobra da Estação Ferroviária de Pinhal Novo (2002) e Cine-Teatro São João (2005).

Património Universal

Existe também a classificação internacional de património classificado como de interesse universal, ou seja “Património Universal”. Estes bens, mais do que um lugar, ou um país, por serem testemunhos únicos da História do Homem e da Terra representam toda a humanidade. Assim, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) decidiu estabelecer um compromisso com todos os países do mundo, para que se procedesse à identificação e classificação desses bens, no sentido da sua salvaguarda conjunta.

Na lista do Património Universal, encontra-se o seguinte Património de Portugal:

- 1983** Centro Histórico de Angra do Heroísmo, nos Açores
- 1983** Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, em Lisboa
- 1983** Mosteiro da Batalha
- 1983** Convento de Cristo em Tomar
- 1988** Centro Histórico de Évora
- 1989** Mosteiro de Alcobaça
- 1995** Paisagem Cultural de Sintra
- 1996** Centro Histórico do Porto
- 1998** Sítios Arqueológicos no Vale do Rio Côa
- 1999** Floresta Laurissilva na Madeira
- 2001** Centro Histórico de Guimarães
- 2001** Alto Douro Vinhateiro
- 2004** Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico

Sempre que um bem é classificado fica sujeito, para garantia da sua protecção, à fiscalização pelas entida-

¹ Organização internacional, sem fins lucrativos, que tutela os museus e profissionais de museus e a quem esta confiada a conservação e a divulgação do Património do Mundo.

² Para desenvolvimento deste tema vd. Lei de Bases do Património Cultural Português, n.º 107/2001, de 8 de Setembro.

des responsáveis, mas tal não significa que esteja livre de perigo. Ameaças como a ignorância, a poluição, a guerra, a ausência de planeamento urbano, a pobreza, a irresponsabilidade e o turismo abusivo, entre outras, podem ser as causas da sua destruição.

Só o conhecimento e a valorização dos locais pode evitar a degradação irreversível e nesta acção, todos nós temos uma tarefa a cumprir, sejam os habitantes dos lugares classificados, turistas, investigadores, meios de comunicação, instituições que os administram, ou os estados signatários da Convenção do Património Mundial.

O que podemos fazer? Conhecer estes patrimónios, compreender o seu valor e a importância da sua salvaguarda, participar em acções de manutenção e valorização, opinar sobre a sua gestão, aprender a língua do lugar, conhecer a cultura e costumes locais, ser um turista responsável e nunca esquecer que a defesa deste Património, sendo Universal, também se encontra nas nossas mãos.

Este símbolo identifica a existência de Património Universal. É redondo, como o mundo, e representa a protecção geral do património que pertence a toda a Humanidade. O quadrado central simboliza a capacidade técnica e a inspiração humana, enquanto que ao círculo correspondem os dons da natureza. No seu conjunto este símbolo representa a ligação entre a diversidade natural e cultural do Homem.

Patrimonito personagem criado por um grupo de jovens e simboliza um jovem guardião do Património Universal.



Para saber mais sobre Património Universal:

Na Internet

Páginas Web

Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), actual IGESPAR:
<http://www.ippar.pt>

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO):
http://www.unesco.pt/cgi-bin/cultura/temas/cul_tema.php

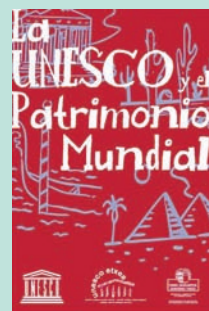
Documentação de apoio à educação para o Património Universal

“La Unesco y el Patrimonio Mundial”, UNESCO, s/d

Documentação destinada ao público juvenil, na qual são respondidas questões como: Que requisitos têm de cumprir os bens considerados Património Mundial da Unesco? Para que serve estar na lista do Património Mundial? Que relação existe entre Património Universal, paz e desenvolvimento?

Disponível em castelhano no site:

<http://www.unescoeh.org/dokumentuak/UNESCOPatrimonio.pdf>



“El Patrimonio Mundial en manos de jóvenes, Conocer, Ate-sorar y Actuar”, Paquete de materiales Didacticos para maestros, UNESCO, 1998

Documentação destinada à Comunidade Educativa, contempla informação e actividades relacionadas com os seguintes temas: Património Mundial e Identidade, Turismo, Meio Ambiente e Cultura da Paz.

Disponível em castelhano, no site :

http://whc.unesco.org/education/kit/kites/ARCHI_VAD.PDF



“Patrimonio Mundial, Hoy e Mañana con la Juventud”, UNESCO, 2002

Documentação destinada ao público juvenil e onde constam as respostas às seguintes questões: Porque nos interessa o Património Mundial? Porquê estudar e Proteger o Património Mundial?

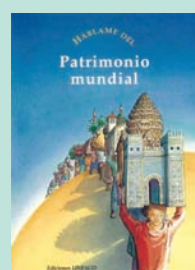
Disponível em castelhano, inglês e francês no site:

http://whc.unesco.org/documents/publi_young_heritages.pdf



No Fundo Documental do Museu Municipal poderá encontrar:

Háblame del Patrimonio Mundial, Bolívia: Ediciones Unesco, 2002



Sites a consultar

Dedicamos esta rubrica a alguns sites dedicados a artesanato e ofícios tradicionais.



<http://www.mao.com.br/port/default.asp>
Página oficial do Museu de Artes e Ofícios, Belo Horizonte.

<http://www.fpao.org/>
Página oficial de FPAO - Federação Portuguesa de Artes e Ofícios, organismo que representa os artesãos e as suas associações a nível nacional.

<http://www.ppart.gov.pt/>
Página oficial do PPART - Programa para a Promoção dos Ofícios e das Microempresas Artesanais.

<http://www.cearte.pt/>
Página oficial do Centro de Formação Profissional do Artesanato.

CADA NÚMERO, UM JOGO

O Ferreiro perdeu-se e não sabe
o caminho para a sua forja...
queres ajudá-lo?



Edições em destaque

Fundos documentais especializados para consulta pública em Palmela

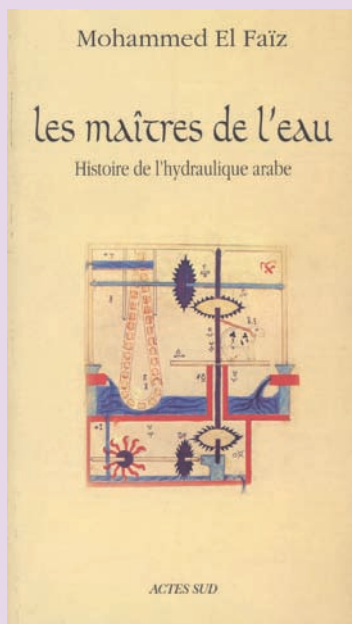
Museu Municipal



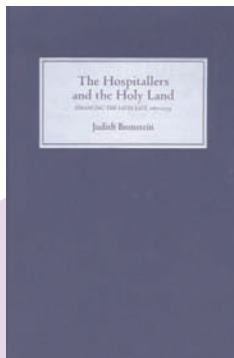
AAVV
(Edt.: BORK, Robert)
De Re Metallica.
The uses of metal in the Middle Ages,
s/l: Ashgate, 2005

AAVV (Coord. CRESSIER, Patrice)
La maîtrise de l'eau en al-Andalus.
Paysages, pratiques et techniques,
Madrid: Casa de Velázquez, 2006

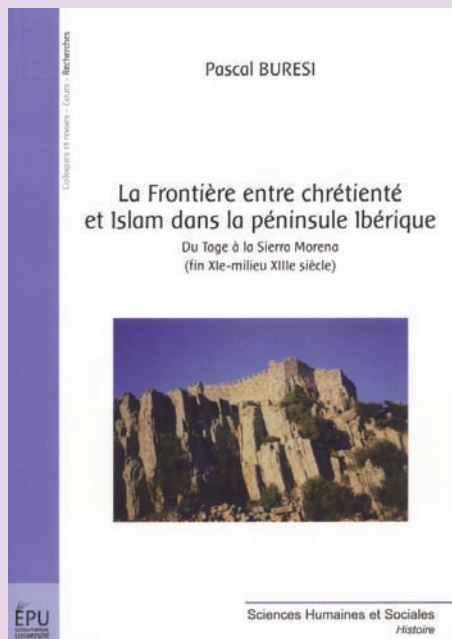
El FAÏZ, Mohammed – **Les maîtres de l'eau**
– **Histoire de l'hydraulique arabe,**
Arles: Actes Sud, 2005



GEsOS



BRONSTEIN, Judith – **The Hospitallers and the Holy Land.**
Financing the Latin East, 1187-1274,
Woodbridge: The Boydell Press, 2005



BURESI, Pascal – **La Frontière entre chrétienté et Islam dans la péninsule ibérique. Du Tage à la Sierra Morena (fin XIe-milieu XIIIe siècle),**
Paris: Éditions Publibook, 2004

FAGNEN, Claude – **Armement Médiéval. Un métal pour la guerre,**
Paris: Ed. Rempart-Desclée de Brouwer, 2005

Índice

- 1** Editorial
- 2** Em destaque
- 7** Nos Bastidores... A incorporação de peças no Museu Municipal
- 9** Património Local ... Três personalidades do concelho homenageadas em escultura
- 10** Património Concelhio em documentos ...
... Nova Planta do Castelo de Palmela
- 12** A não esquecer... Património Universal: um lema para 2007
- 14** Sites a consultar... sobre Ofícios tradicionais
Cada número, um jogo
- 15** Edições em destaque
Fundos documentais especializados para consulta pública em Palmela

Contactos:
Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto
da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 338 180
Fax: 212 338 189
E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela
Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal
Colaboram neste número: Andreia Martins, Cristina Prata, Isabel Cristina F. Fernandes,
Lúcio Rabão, Maria Teresa Rosendo, Sandra Abreu Silva, Teresa Sampaio, Zélia de Sousa
Design: Paulo Curto
Fotografia: Adelino Chapa e Museu Municipal de Palmela
Impressão: Armazém de Papéis do Sado, Lda
Código de Edição: 275/07 - 3 000 exemplares
ISBN: 927-8497-27-X
Depósito Legal: 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com o documento
Arquitectura da Água: Fontes, Chafarizes e Tanques - Para o Inventário do Património Histórico Edificado do concelho de Palmela, da autoria de Cristina dos Reis Prata